

**LITERATURA AMADIANA E A PERSPECTIVA DO BIOPODER NA REGIÃO CACAUEIRA**

**FABIANE LOUISE BITENCOURT PINTO**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)  
fabianelouise80@gmail.com

# LITERATURA AMADIANA E A PERSPECTIVA DO BIOPODER NA REGIÃO CACAUEIRA

## 1 Introdução

Nos inspiramos em Thiollent (2014), quando aponta a pertinência de alguns temas e perspectivas a serem aprofundados nos Estudos Organizacionais, tais como: práticas, pressupostos e fundamentos do conhecimento administrativo com novas leituras possíveis através do distanciamento dos discursos dominantes, através da mobilização de recursos teóricos, conceituais e metodológicos, não nos limitado a uma única escola de pensamento; e ainda, quando ressalta a importância de criticar conteúdos, estilos, condições de uso, publicação e difusão de conhecimento em administração e gestão.

Nesse sentido, os Estudos Organizacionais, devem estabelecer múltiplas interfaces entre fatos ou situações observáveis a partir de conhecimentos oriundos de várias disciplinas, no caso das Ciências sociais, aproximações com a sociologia, economia, história, antropologia, ciência política, etc. “Em geral, é nessas interfaces que surgem interrogações novas e conhecimentos novos” (THIOLLENT, p. 8, 2014). O autor assevera que, “a interdisciplinaridade é uma condição importante mínima para viabilizar academicamente os Estudos Organizacionais” (THIOLLENT, p. 9, 2014).

Reunimos aqui portanto, o exercício interpretativo das obras selecionadas de Jorge Amado numa perspectiva foucaultiana. Encontramos em *Cacau* (1933), *Terras dos sem fim* (1943) e *São Jorge dos Ilhéus* (1944) elementos que remetem a questões variadas desenvolvidas por Michel Foucault em *Segurança, Território e População*<sup>i</sup>, a exemplo da centralidade que o poder pastoral ocupa na produção de Jorge Amado do ciclo do cacau<sup>ii</sup>.

O texto se organiza a partir desta breve introdução, seguindo com a articulação entre os Estudos Históricos; a Literatura (com suas narrativas ficcionais) e os estudos organizacionais e na seqüência, discute algumas categorias que perpassam as obras selecionadas à luz do biopoder de Foucault.

## 2. O saudável diálogo e convergência de saberes nas Ciências Sociais

Conforme aponta Fischer e *et. al* (2007), a literatura deve ser usada por pesquisadores de administração como recurso de investigação. O fato de a Administração estar classificada entre as ciências socialmente aplicáveis, somente nos lembra que ela deve ser referenciada à prática; e é sobre essa prática que se constrói a teoria. Assim, as práticas de gestão e conhecimento explícito sobre organizações, por exemplo, são estruturadas mediante a compreensão da sua própria construção social.

Nesta mesma seara, ressaltando a importância da discussão crítica acerca da memória e seu lugar nos estudos organizacionais, mais especificamente na história empresarial, Costa e Saraiva (2011), afirmam que a temática memória embora seja amplamente difundida em particular pela área de História, no campo dos estudos organizacionais apresenta-se como temática imensamente desafiadora.

Ainda, como ressaltado por Matitz e Vizeu (2012) com a ampliação da comunidade acadêmica brasileira da área de estudos organizacionais quanto às questões epistemológicas, há de se observar a forma heterogênea que se dá a articulação da área, com diferentes disciplinas e perspectivas na compreensão plural da realidade organizacional. Para tal campo, mesmo sendo considerado como salutares os benefícios da multi e interdisciplinaridade, faz-se necessário o uso adequado, de teorias ou conceitos emprestados de outras áreas.

Coadunando com Pieranti (2008), prosseguimos com a expectativa de que a História explica acontecimentos e estruturas construídas por uma sociedade, e que portanto, a singularidade dos fatos históricos se organizam de maneira tão específica que não são passíveis de generalizações; e que a nossa interpretação, via literatura amadiana é apenas uma interpretação possível daquele espaço e tempo sul baiano, e que para tanto, nos lançaremos ao exercício de interligação entre diversas áreas do conhecimento.

## 2.1 Estudos Organizacionais, um campo conjugado no plural

A busca pela transdisciplinariedade em nosso ensaio portanto, diz respeito à crença de uma epistemologia com novas bases, não de ruptura, mas de restauração da função crítica e reflexiva no seio do próprio saber administrativo.

Baseados em Czarniawska (2000) o estudo de análise da narrativa (ficcional) amadiana que é pretendido aqui, parte do pressuposto de que a realidade é socialmente construída por meio das interações sociais das pessoas. Reconhece-se a existência de uma realidade socialmente construída, em virtude de que são as próprias pessoas, por meio de suas interações e ações, que a legitimam como realidade objetiva e que subjetivamente, internalizam essa realidade ao longo de inúmeros processos de socialização, assim ocorreu com o *Menino Grapiúna*<sup>iii</sup>.

Em Czarniawska (2000) encontramos que atitudes comuns em relação à análise de texto são: texto como a chave para o mundo, texto como mundo e textos no mundo. E segue argumentando que as narrativas existentes são inumeráveis, apresentando uma grande variedade de gêneros, distribuídos entre diferentes substâncias. A narrativa é capaz de ser transportada por linguagem articulada, falada ou escrita, imagens, gestos; narrativa está presente no mito, legenda, fábula, conto, novela, épico, história, tragédia, drama, comédia, mímica, pintura, cinema, história em quadrinhos, notícia, conversa, etc. Desse modo, diante da diversidade apresentada, a narrativa encontra-se presente em todos os lugares e sociedades, todos grupos portanto, possuem suas narrativas. Assim, Barthes *apud* Czarniawska (2000) a narrativa é internacional, trans-histórica, transcultural: é simplesmente como a própria vida. “As pessoas contam histórias para entreter, ensinar e aprender, para pedir uma interpretação e dar um significado” (tradução livre, Czarniawska, p. 2, 2000).

Dessa forma, as narrativas contam a história de intenções humanas e atos, sendo possível situá-las no tempo e no espaço, compondo uma mistura de aspectos objetivos e subjetivos relacionado com, o como as pessoas (escritores) vêem o mundo (Bruner *apud* Czarniawska, 2000). O leitor consegue perceber as intenções do escritor nessa perspectiva, não porque adivinha como o texto foi elaborado, ou porque compreende a natureza humana universal, mas porquê – leitor e escritor são ambos – produtores e consumidores de um mesmo conjunto de instituições humanas.

Os usos da narrativa na pesquisa em ciências sociais, ainda de acordo com Czarniawska (2000), devem por exemplo, interpretar as histórias – saber o que eles dizem; analisar as

histórias - como dizem; e desconstruir as histórias – desfazer e (re)montar as histórias (tradução livre, Czarniawska, p. 5, 2000).

Consideramos, assim, que Amado foi capaz de retratar, no conjunto inicial de suas obras, uma crítica contextualizada do cotidiano que marcou a vida socioeconômica, política e cultural da região cacauera<sup>iv</sup> da Bahia. Este ensaio se organiza em torno do que Jorge Amado em *Cacau* (1933), *Terras dos sem fim* (1943) e *São Jorge dos Ilhéus* (1944) nos conta sobre a estruturação da territorialidade e população do espaço sul baiano; espaço concebido e implantado com base na produção da monocultura do cacau.

A compreensão do pensamento administrativo por meio da análise histórica e literária é crescente no Brasil e, de acordo com Costa, Barros e Martins (2010, p. 289), pois existe

[...] a) a busca de maior relevância e contribuição teórica das pesquisas por meio da ampliação de uso do método histórico; b) o resgate dos aspectos históricos e interculturais em oposição à reprodução ideológica dominante que tende a excluir o passado ou o contexto das teorias e práticas organizacionais (VIZEU, 2007); e c) a aproximação dos pesquisadores ao contexto da realidade brasileira potencializando uma posição de engajamento e compromisso consciente com sua realidade social (GUERREIRO RAMOS, 1996).

Ressaltamos, que a literatura amadiana aqui não é tratada como uma fonte a mais de documento que possa ilustrar uma interpretação baseada em fontes reconhecidamente científicas e, por isso, mais confiáveis; ao contrário, assumimos, com a escolha desse objeto, o desafio de nos lançar à leitura das experiências narradas sobre a formação sócio-histórica da região cacauera sobre a forma de verossimilhança<sup>v</sup>, e à luz da perspectiva de análise foucaultiana.

### **3. A Região cacauera e o biopoder em Jorge Amado**

As obras do autor baiano Jorge Amado ocupam lugar de destaque na produção de novos temas, formas de expressão e apreensão do mundo, sentimentos e lugares, que traduzem a “paisagem humana e social do Nordeste, particularmente da Bahia, seu Recôncavo, sul e sertão”, conforme destaca Araújo (2003, p. 09).

Para Sousa (2001, p. 44), as lembranças de Jorge Amado revelaram outros sinais relevantes que

[...] falavam de homens na sua prática diária, espontânea ou organizada. Práticas que abriram a cada homem possibilidades de aquisição, ainda que a longo prazo, de uma consciência enquanto ser social, consciência política, consciência de classe, o que faz de cada indivíduo, o sujeito que passaria a compreender o papel que desempenhava na transformação da sociedade em que vivia. Ser integrante de uma determinada classe social, no entendimento de que somos um “acontecer”, é visualizar que somos sujeitos sociais resultantes de experiências comuns, herdadas ou partilhadas, surgidas no corpo de uma dada relação de produção, na qual entramos involuntariamente.

Nesse contexto, podemos afirmar que a presença da lavoura de cacau no sul da Bahia demandou a luta contra a constituição natural da floresta, de seus animais e mitos. A selva foi, aos poucos, dando lugar à região cacauera, “constituindo-se, gradativamente, num espaço cultural diferenciado”. Conforme ressalta Sousa (2001, p. 20), “o equilíbrio inicial se desfaz

ao se intensificar o avanço do homem sobre a mata, na cobiça pela posse de terras, na disputa pelo processo acumulador de propriedade e de poder”.

O cacauero, árvore nativa da América tropical, era uma cultura conhecida pelos nativos brasileiros, desde o início da colonização. Seu cultivo iniciado em pequena escala no Amazonas se difundiu aos poucos para outras regiões do país. As primeiras mudas do cacauero foram trazidas do Pará, por volta de 1745, e plantadas às margens do Rio Pardo, atual município de Canavieiras, local onde encontrou condições naturais favoráveis para o seu desenvolvimento. Inicialmente, a planta era cultivada nos quintais, pois era considerada exótica. O crescimento mais substancial da plantação ocorreu nas proximidades da vila de São Jorge dos Ilhéus, apesar de a lavoura ter-se espalhado por toda a região sul da Bahia. Nas proximidades da vila, o cultivo do cacau se consagrou como monocultura de exportação. Como ressalta Guerreiro de Freitas e Paraíso (2001, p. 89), “[...] Passou-se do regime de produção familiar para o de produção comercial, basicamente monocultor e gradativamente assalariado”.

Somente no século XIX, com a ampliação do consumo do chocolate na Europa e nos Estados Unidos, o cacau tornou-se produto de forte expressão econômica no mundo. No Brasil, o eixo produtor do cacau deslocou-se do vale amazônico para o sul da Bahia, local de fácil acesso que reuniu condições climáticas, solo fértil e terras virgens.

As propriedades normalmente concentradas nas mãos de grandes fazendeiros continham, por vezes, mais de 300 trabalhadores e chegavam a colher até 50.000 arrobas por ano. A monocultura voltada para a exportação obrigava os fazendeiros a se relacionarem com empresas exportadoras – que tratavam da compra e venda das amêndoas. Algumas dessas casas exportadoras “passaram a funcionar como verdadeiras casas bancárias, financiando os interesses diversos de seus fornecedores”, como bem destacou Sousa (2001, p. 35), momento em que as safras futuras passaram a ser negociadas corriqueiramente. Os exportadores assumem um papel singular nessa dinâmica econômica, passando a abastecer o mercado regional com toda ordem de produtos.

Nos textos de Jorge Amado, encontram-se, pois, as aventuras das pessoas que construíram a chamada sociedade grapiúna; e o autor vai utilizar seus romances para denunciar a exploração do trabalhador das roças de cacau e contar a saga dos coronéis em busca do poder político e conquista das terras ainda intocadas. Ao denunciar os interesses imperialistas na atuação dos exportadores, a “narrativa amadiana traçou um perfil para cada um desses atores, revelando seus desejos, seus conflitos, dores e alegrias” (SOUSA, 2001, p. 36).

Jorge Amado notabilizou-se pela inserção no movimento regionalista de 1930 e no modernismo literário brasileiro, estreando, com sua primeira temática, uma reflexão crítica e contextualizada sobre o ciclo do cacau, interesse especial deste estudo. Com esse ciclo, Amado inaugura a partir da obra *Cacau* (1933) e na sequência, aprofunda as reflexões temáticas através da obra *Terras do Sem Fim* (1943 – descrevendo a saga dos desbravadores e primeiros exploradores da cultura do cacau. Já em *São Jorge dos Ilhéus* (1944), penetra, ainda mais na temática e faz emergir a tensa relação com os exportadores da amêndoa.

Encontramos em Foucault na obra *Segurança, Território e População* de 1979, que, enquanto na sociedade de soberania, o poder do soberano se exercia diante de um território delimitado; na sociedade disciplinar, o poder das instituições tem como alvo principal os espaços disciplinares, os quais são individualizados e individualizantes; já na sociedade biopolítica ou de segurança, há a prerrogativa na relação poder-espaco, com o controle do fluxo e da circulação do homem não enquanto indivíduo ou corpo, mas sim, do homem enquanto grupo ou espécie, pois o que se persegue é o controle da população.

Desse modo, a governamentalidade para Foucault, se revela como o conjunto constituído pelas instituições, procedimentos e análises, bem como demais estratégias que permitam exercer uma forma específica (e sempre complexa), de poder que tem como alvo a população, mediada pela economia política e apresenta por instrumento técnico os dispositivos de segurança.

Nas obras selecionadas portanto, percebemos que o poder disciplinar se mistura ao biopoder no controle e “manejo” das populações que passam a habitar o espaço sul baiano em fins do século XIX.

E o Estado seguiu, portanto, aos poucos sendo governamentalizado ao se sobrepor aos demais poderes (disciplina, soberania), desse modo, os mecanismos de poder são parte intrínseca segundo Foucault de todas as relações de produção, de família, etc. ao longo do processo histórico.

Tais relações, evidenciadas através dos detalhes da reprodução dos personagens típicos em situações do cotidiano na obra amadiana, está “fundada histórica e dialeticamente, e constitui ao mesmo tempo uma adequada formulação de que a arte reflete a realidade objetiva e, portanto, que ela pretende possuir valor de verdade objetiva” (Lukács, p. 44, 2010), passamos desse modo, às reflexões sobre os textos selecionados à luz do biopoder em Foucault.

#### **a) Cacau (1933)**

O Romance narra a relação entre os coronéis e empresários, e trabalhadores rurais. Nessa obra, Amado mergulha no universo da luta de classes denunciando a exploração e apropriação do trabalho, os conflitos advindos dessas relações sociais de produção e distribuição, dando destaque, ainda, à greve e aos incipientes movimentos sociais, além de explorar ideais socialistas.

A narrativa situa-se entres as décadas de 1920 e 30, em Ilhéus, na zona cacauzeira, tomando como base a Fazenda Fraternidade, cujo proprietário é o coronel Misael Telles. Nessa obra, Amado fala da fartura do cacau e do bom preço pago aos coronéis em suas transações com os exportadores, evidenciando que, quanto mais rico fica o coronel, mais explora o trabalhador da roça, que na sua maioria deixa seu ganho no armazém da própria fazenda.

Num cenário paralelo, surge a cidade de São Cristovão (origem do narrador do romance) – o sergipano José Cordeiro; que faz uma viagem por sua infância e fala da crise enfrentada em Sergipe. Com destaque para a exploração nas fábricas, que, junto com a prosperidade industrial, trouxe a redução dos salários dos trabalhadores locais.

O narrador relembra o papel da Igreja Católica, chamando a atenção para o fato de que a pregação dos padres indicava também a submissão dos trabalhadores aos seus patrões. Além disso, ressalta a diferença geográfica dos bairros da cidade: a vila operária, a plebe e os bairros da elite. José Cordeiro evidencia os planos dos operários em migrar para Ilhéus com o fascínio exercido pelo cacau, destacando que a outra opção para os sergipanos seria mudar para São Paulo. Após ter trabalhado como operário na fábrica de tecidos, Cordeiro, no auge dos seus 20 anos de idade, segue rumo a Ilhéus.

Em Foucault, o poder disciplinar e um Estado governamentalizado, está centrado não no território, mas na população, e ainda, é o poder que enaltece a economia política, exercendo o controle social por meio dos chamados dispositivos de segurança, como percebemos em *Cacau*.

O território embora é o substrato físico sobre o qual será exercida a soberania estatal, separa-se no biopoder até mesmo de seu elemento mais relevante, a população, como vemos a seguir: *Cacau* reflete, portanto, o final do século XIX; que presenciou grandes mudanças no equilíbrio demográfico e geoeconômico do país, indicando novos rumos para o desenvolvimento nas regiões cafeeiras do Centro-Sul (Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo), enquanto seguia em decadência o Nordeste açucareiro. Para Prado Jr (1981), o empobrecimento do Nordeste, povoado densamente, desde a implantação da colônia, resultou numa forte e constante enxurrada demográfica em direção a regiões com melhores perspectivas de vida e subsistência.

Cordeiro, narrador de *Cacau*, relata, ainda, que, em sua chegada na cidade de Ilhéus, aprendeu sobre outras formas de relação de trabalho; diferente do que vivera, até então, em Sergipe, o trabalho alugado. Durante a viagem de trem para Pirangi (atual Itajuípe), fazenda onde seria trabalhador alugado, descreve as diferenças entre a primeira e a terceira classe: o narrador afirma que quem possuía dinheiro ia na primeira classe e eles, trabalhadores, viajavam na terceira classe, como animais. Amontoados comentavam dos crimes, dos feitos e do poderio dos coronéis – aqueles que dominavam a lei local. A chegada de Cordeiro na região coincide com uma das crises do cacau: queda do preço e desemprego nas roças.

Ainda que território possa se referir a espaços não povoados, Foucault nos mostra que a soberania se dá efetivamente num espaço ocupado com toda a sua multiplicidade humana. Daí que, Cordeiro reflete como seria difícil obter uma melhora na situação econômica e social diante dos padrões locais que fundamentavam a base das relações sociais de produção e distribuição da região cacauera. Reflete que, com aquela hierarquia social, os trabalhadores dificilmente chegariam a ser coronéis e alcançar as fortunas tão sonhadas. Em Leal (1997), encontramos maior entendimento para este ponto, visto que “a massa humana que tira a subsistência das terras dos coronéis, vive no mais lamentável estado de pobreza, ignorância e abandono” (p. 43).

Isto porque, para Foucault o domínio sobre a circulação, tanto para controle, quanto para estímulo, se dá especialmente no fortalecimento dos fluxos econômicos favoráveis à acumulação. Ou seja, como há uma associação direta entre meio e população, e esta e seus fluxos; ambos passam a ser o objeto desse controle.

O narrador de *Cacau* enfoca, inclusive, a extorsão que sofrem dos armazéns das fazendas, onde os preços são exorbitantes e onde são obrigados a comprar gêneros alimentícios, ferramentas para a lide, além de roupas e remédios. Com esse relato, Amado se aproxima do dos processos e das relações de trabalho que garantiam a dinâmica do modelo socioeconômico predominante: a produção latifundiária e extrativista do cacau.

Em *Cacau*, Amado relembra o papel das mulheres que viviam na “rua da lama”, denominação vulgar da rua de prostíbulos. Afirma que muitas daquelas “mulheres da vida” eram abusadas e estupradas pelos coronéis e seus filhos e abandonadas por suas famílias; viam-se sem alternativa, a não ser viver na Rua da Lama.

Outro dado interessante revelador da moralidade social e religiosa está no registro de que, mesmo nos prostíbulos, as imagens dos santos católicos e forte religiosidade eram preservadas. A dimensão moral é mais um fator afirmativo e legitimador dos valores socioeconômicos e políticos dominantes na região do cacau.

Na trama, é destacada, ainda, outra modalidade nas relações de trabalho característica da zona do cacau baiano: a empreitada, relação em que o coronel contrata uma família para colher a roça de cacau e esta aluga outros trabalhadores para colaborar com o processo de trabalho. Nessa modalidade “contratista”, a relação de trabalho se fundamenta na contratação pelo

coronel da derrubada de uma mata, ou na limpeza e, ou plantio de outras culturas consorciadas ao cacau e, após determinado tempo, o fazendeiro paga uma quantia estipulada por cacauero e o trabalhador tem direito a parte dos gêneros alimentícios, normalmente feijão, milho e mandioca, produzidos para subsistência.

Outro dado relevante na obra é a caracterização das condições desumanas de trabalho, relatadas como devastadoras para a qualidade de vida dos trabalhadores, em que o calor na barcaça e a inspeção do trabalho são comparados ao inferno. A alimentação dos trabalhadores é complementada com frutas típicas da região, como a jaca e a banana, colhidas na natureza. Quanto a conhecerem o sabor do chocolate, mais valioso produto econômico dali, afirmam que nunca viram de perto.

A educação para os filhos dos trabalhadores era inexistente, restando às crianças e aos jovens o mesmo destino de seus pais: ir para a lida nas roças de cacau. Enquanto na perspectiva dos coronéis, os trabalhadores têm boa vida, pois a estes são dadas várias oportunidades, a exemplo da moradia e da alimentação.

O controle se dirige portanto, ao homem enquanto espécie, em seus processos de reprodução, natalidade, mortalidade, difusão de doenças, desemprego, etc. e toda uma leva de dispositivos de segurança são criados, nos afirma Foucault no sentido de garantir certos padrões dessa reprodução e certo direcionamento na circulação dessa população, assim evidenciados em *Cacau*.

#### **b) Terras do Sem Fim (1943)**

As obras *Terras do Sem Fim* (1943) e *São Jorge dos Ilhéus* (1944) narram o desbravamento das matas sul baianas para o plantio do cacau. Ao ler o segundo romance, percebe-se claramente a intenção de Amado de dar continuidade e ampliar as abordagens trazidas em *Terras do Sem Fim*. Esta afirmação se fundamenta, pois, na preservação e, ou evocação de alguns personagens e memórias na segunda obra.

A figura dos coronéis em *Terras do Sem Fim* são de homens poderosos, proprietários de extensas roças de cacau, justamente quando a lavoura cacauera já era reconhecida como importante riqueza econômica regional e nacional (sugere um período posterior à narrada em *Cacau*). Tal lavoura atraía muitos interessados, a exemplo dos trabalhadores vindos de regiões secas do Nordeste, de pequenos comerciantes, aventureiros, gente de toda ordem tentando enriquecer frente às oportunidades daquela próspera região.

A narrativa não se atém ao momento em que as primeiras mudas de cacau chegaram à região, ao contrário, já aponta um período em que os grandes coronéis ali estabelecidos lutavam por maiores faixas de terra e ampliação da riqueza e poderes. Evidencia, nessas duas obras, de forma mais ampla e contundente, a exploração do homem pelo próprio homem, fazendo emergir as vozes e as reflexões daqueles que se encontravam submetidos às práticas dominantes do coronelato que se formou nas terras do sul da Bahia. Os coronéis, na perspectiva amadiana, seguiam insaciáveis, conquistando terras e dominando gente. Podemos balizar, conforme nos ensina Guerreiro de Freitas e Paraíso (2001), entre 1890 e 1920, o período de implantação da monocultura de cacau no sul da Bahia que, “aqueles tempos foram atravessados por fenômenos de todos os tipos – demográficos, sociais, políticos e culturais” (p. 99).

Esse retrato parcial da sociedade grapiúna apresenta um forte teor de crítica social e política com problemáticas ligadas ao patriarcalismo latifundiário, à exploração do trabalhador, ao imobilismo social que se estabelecera naquelas *Terras do Sem Fim*. Conforme aponta Sousa



(Ibidem, p. 66), as narrativas denunciam e abordam, sobretudo, “o enraizamento do homem no espaço tradicional, da afeição desenvolvida no trato das atividades rurais, do prazer que o cultivo do cacau oferecia, das lutas de interesses contrapostas entre proprietários das roças e os seus trabalhadores”.

As metanarrativas fazem emergir os sujeitos que habitavam aquele espaço – coronéis, jagunços, capatazes, comerciantes, prostitutas, trabalhadores alugados; além de revelar os arranjos sociopolíticos, pautados em bases que garantissem que as classes menos favorecidas estariam sempre a serviço dos “donos da terra”. Ao denunciar as relações sociais de produção do sul baiano, Amado utilizava diversas expressões pejorativas que manifestavam o uso e abuso do poder dos coronéis como o caxixe<sup>vi</sup>, as manobras jurídicas, a tocaia<sup>vii</sup>, enfim, todos os tipos de subterfúgios e “jogos sujos” que permitiam a posse das terras alheias.

A gestão municipal e mais que isso, a gestão das fazendas ocorriam conforme regras normalmente e em grande parte, determinadas pelos coronéis; os quais se alternavam nas eleições municipais, estavam alinhados à uma prática política organizada nacionalmente através do fenômeno conhecido como Coronelismo<sup>viii</sup>, daí que, tais procedimentos implicavam no governo ligado à condução de condutas, assim, os contrastes e as regularidades populacionais se efetivam no sul da Bahia como componentes da população que constituem o objeto do governo (de coronéis).

Foucault nos ensina que a governamentalidade, diz respeito à prática de governar – quem pode governar, o que é governar, o que ou quem é governado, e em última instância diz respeito ao como se governa, e em nome da governamentalidade, um dos principais aspectos das sociedades modernas é a existência de técnicas de poder que observam, monitoram, moldam e controlam o comportamento das pessoas.

*Terras do Sem Fim* narra, desse modo, a formação sócio-histórica da região cacauzeira da Bahia, com destaque para as atuais cidades de Ilhéus e Itabuna. O segundo romance de Jorge Amado, vinculado ao ciclo do Cacau, revela, portanto, a disputa pelas terras devolutas do sul do Estado da Bahia por parte de coronéis – proprietários rurais de fazendas de cacau. Ao afirmar que toda aquela dinâmica permitiu a gestação das cidades, Amado estava, afirmando que as cidades necessitavam de um projeto para se tornarem reais. Nesse ponto, cabe ressaltar que o autor, ao revelar a forte disputa pelas terras devolutas, estava traduzindo em linguagem literária que as cidades nasceriam daquela disputa irracional e cruel, em que os que se pretendiam ser os donos das terras estavam dispostos a tudo para preservar seus interesses. Em síntese, a semente das grandes cidades sul baianas, em especial Ilhéus e Itabuna, estiveram marcadas por uma luta fratricida entre coronéis. Aqueles anos, relatados por Jorge Amado, confirmam-nos Guerreiro de Freitas e Paraíso (2001), foram momentos de rápidas mudanças: chegada constante de migrantes, derrubada da mata e plantio desordenado das roças de cacau, surgimento dos primeiros comerciantes exportadores e, sobretudo, da estruturação de uma nova ordem político-administrativa.

Especialmente neste livro podemos destacar a análise do biopoder, no que se refere ao ambiente urbano e seus dilemas de expansão e circulação. A cidade neste caso, com a sua densidade e heterogeneidade, passa a ser o lócus por excelência do exercício do poder – do poder sobre o controle do comportamento moral e sobre as formas gerais de convivência entre os homens.

Amado evidencia que, num navio que parte da Bahia<sup>ix</sup> rumo a Ilhéus, viajam pessoas obcecadas pela perspectiva de enriquecimento fácil na região. Ali estavam coronéis produtores de cacau, prostitutas, golpistas e comerciantes. E na terceira classe, encontrava-se a maior parte dos passageiros, homens e mulheres que iam em busca de trabalho nas terras do

cacau; alguns iam com local certo para trabalhar e outros iam, repletos de esperanças<sup>x</sup>, ofertar a sua força de trabalho.

A grande maioria daqueles que se aventuravam estava em busca do que era noticiado à época de que naquelas *terras do sem fim* o dinheiro era fácil e que era ainda mais fácil conseguir um pedaço de chão<sup>xi</sup> para plantar o fruto que valia mais que ouro: o cacau. Como as terras não tinham dono, poderiam, portanto, pertencer a qualquer um que se aventurasse a conquistá-las. Assim, os relatos de homens que ali chegaram e fizeram fortuna atraíam, sobretudo, os sertanejos. Juca Badaró, um dos protagonistas da história, selecionava trabalhadores ainda no navio.

Assim, dos espaços vazios emergiam os contornos das cidades de Ilhéus e Itabuna, e junto com estas, se desenhou a cidade de segurança (ou biopolítica).

A justiça, a política municipal e a imprensa, por exemplo, estavam a serviço dos coronéis e cada um dos protagonistas, possuía uma rede de correligionários em todos os segmentos da sociedade, os quais endossavam os desmandos e os crimes praticados por eles. Assassinatos sem julgamentos ou com julgamentos forjados, tocaias, caxixes de terras, e toda ordem de crimes e maus tratos aos trabalhadores faziam com que o senso de impunidade dos coronéis só aumentasse.

Tais aspectos são agravados com a descrição da submissão dos trabalhadores das fazendas ao serem obrigados a fazer todas as suas compras nos armazéns, que forneciam toda ordem de artigos, vestuário, alimentos e até instrumentos de trabalho, tudo com preços elevados quando comparados aos valores praticados em Ilhéus, por exemplo, pois geralmente os coronéis cobravam o dobro do valor. Assim, a dívida com o armazém tornava-se impagável, estando os alugados (trabalhadores) presos àquela realidade por anos a fio; às vezes, morriam devendo ao fazendeiro.

Nos três livros analisados, encontramos essa obrigatoriedade das compras dos trabalhadores alugados aos armazéns das fazendas de cacau. Como tão bem ressalta Caio Prado Jr., (Op. cit., p. 158), a presença opressora dos armazéns, em parte,

[...] torna-se fácil por causa das distâncias que em regra separam as explorações rurais dos centros urbanos e do comércio, o que faz do proprietário, quase sempre, um fornecedor obrigatório dos gêneros consumidos por seus trabalhadores. Doutro lado, o baixo nível cultural da massa trabalhadora do país, tão recentemente egressa da escravidão, facilita o manejo arbitrário das contas sempre em prejuízo do empregado.

Via de regra, na sociedade grapiúna, o papel da mulher estava ligado aos trabalhos domésticos e à família. A vida social das mulheres ricas se resumia às programações religiosas, enquanto que as mulheres que lavravam a terra tinham uma carga de trabalho igual ou maior que a dos homens lavradores. O machismo imperava nas relações, enquanto que a submissão da mulher à figura masculina era uma constante. A única personagem que fugia a tal regra era Don'Ana Badaró, que se equiparava ao seu tio e ao seu pai nos interesses pelos negócios.

Para além das questões políticas, jurídicas, administrativas ou éticas, a presença da Igreja Católica nas terras sul baianas, naquele momento, transitava entre os grupos oposicionistas e conseguia doações de ambos os lados para a construção do colégio de freiras e da nova Catedral de São Jorge, ambos em Ilhéus. O mesmo valia para a Catedral de São José, após a fundação de Itabuna. Entretanto, a obra não apresenta qualquer compaixão ou real preocupação dos representantes religiosos com os pobres ou com o sofrimento dos trabalhadores alugados. O curandeirismo, os deuses do culto afro-brasileiro e o espiritismo aparecem de forma rápida e superficial.

Em se tratando de educação, era possível apenas para as famílias abastadas em que as crianças possuíam professores particulares ou eram enviadas para internatos em outras cidades. Inexistia educação pública. Inexistiam também preceitos de saúde coletiva e saneamento básico. A febre, a bexiga e a desnutrição atingiam até as famílias dos coronéis. Somente no final do livro, com o progresso de Ilhéus e Itabuna, são relatadas a pavimentação das ruas principais e o controle da uma febre que assolava os grapiúnas: tratava-se de febre tifo.

As casas exportadoras eram modestas naquele momento, existiam três ou quatro, relata Amado, sendo a mais expressiva delas a Zude, Irmão e Cia. A produção de cacau era quase totalmente consumida no mercado interno e os exportadores trabalhavam não apenas com o cacau, mas também com fumo e algodão. As pequenas casas exportadoras em *Terras do Sem Fim* representavam apenas seções das grandes casas exportadoras suíças e alemãs. Os preços eram impostos pela Inglaterra e a produção nacional era inferior à da Costa d'Ouro. O crescimento da produção local e a demanda internacional mudaram esse cenário posteriormente.

Na época das eleições, reinava o clima de hostilidade entre “as gentes” de um grupo e de outro. As fraudes eleitorais eram corriqueiras, sendo que até gente morta aparecia para votar. Período eleitoral era sempre agitado, com mortes e “barulhos”<sup>xii</sup>. Pelo clima de hostilidade, a casa e o local de trabalho dos candidatos ficavam sob forte vigilância dos jagunços dos Badaró ou de Horácio, com a presença demarcada dos advogados, médicos, dentistas e até farmácias de cada partido. A fidelidade política imperava naquelas terras.

É nessa seara que o homem comum, pobre, analfabeto e sem direitos reconhecidos torna-se compadre dos coronéis ou passa a apadrinhado deles. Ademais, o coronel benfeitor agrega ao seu grupo de conexões um corpo de médicos, advogados, padres, comerciantes, capatazes, como demonstra Jorge Amado. Portanto, trata-se de um poder homem a homem, não racional, pré-burocrático, de índole tradicional, conforme nos indica Faoro (2000b). Esses superfazendeiros dispõem da vida e do destino desses outros homens, baseando sua atuação na lealdade, no respeito e na veneração do compadrio, anulando-se inclusive a possibilidade de autoconsciência destes. Como afirma Faoro (2000a, p. 206),

[...] plenamente desenvolvida, a dominação pessoal transforma aquele que a sofre, numa criatura domesticada: proteção e benevolência lhe são concedidas em troca de fidelidade e serviços reflexos. Assim, para aquele que está preso ao poder pessoal, se define um destino imóvel, que se fecha insensivelmente no conformismo.

Biopoder portanto, de acordo com Foucault, compreende o conjunto de mecanismos pelos quais, aquilo que para a espécie humana constitui características biológicas fundamentais à sua vida e reprodução, passa a ser estratégia de poder na política, numa estratégia geral de poder. Desse modo, o biopoder se apresenta como sendo uma das configurações da governamentalidade que transforma a vida em objeto de poder nas *Terras do sem fim*.

### **c) São Jorge dos Ilhéus (1944)**

A rigor, *São Jorge dos Ilhéus* é uma continuação do livro *Terras do Sem Fim*, com a trama e grande parte dos personagens remanescentes do livro escrito em 1943. Superado o momento da luta pela posse das terras, com o conflito direto entre os coronéis, *São Jorge dos Ilhéus* retrata a luta posterior pela posse definitiva das terras do cacau. Encontramos em Araújo (2003) que ambos os livros formam um só núcleo ao afirmar que “[...] se desdobram dois

períodos distintos: a conquista da terra pelos coronéis feudais no princípio do século e a passagem da terra para as mãos ávidas dos exportadores nos dias de ontem” (p. 63).

A trama dá passagem a personagens que revelam as novas relações sociais: entram em cena em *São Jorge dos Ilhéus*, os vorazes exportadores de cacau, representantes do capital internacional, que ambicionam tornarem-se proprietários das fazendas de cacau, controlando o fluxo de produção e ditando seu preço no mercado internacional. A política local fica a cargo dos filhos dos agora velhos coronéis de *Terras do Sem Fim*, normalmente formados em Direito na capital do Estado ou no Rio de Janeiro.

Ilhéus, a “Rainha do Sul”, com força comercial e riqueza crescente, possui o quinto maior porto exportador do país, responsável, segundo Jorge Amado, por 98% de todo o cacau produzido no Brasil. Em raras cidades no país, à época, havia um crescimento tão rápido, ruas abertas, construções de todo tipo, com praças, jardins, iluminação pública, água e esgoto canalizados. Nesse período, sua população<sup>xiii</sup> era estimada em 150 mil habitantes. A essa altura, a cidade já dispõe de aeroporto, cinema, transporte público, cafeterias, teatro, sistema de telefonia, além de um estádio de futebol. Porém, a despeito de toda a modernidade na “Rainha do sul”, reinava o patriarcalismo nas relações sociais de produção, revelando, pois, que, apesar dos avanços, foram preservados praticamente os mesmos interesses locais, conjugados a partir de então, pela presença dos interesses do capital internacional.

Nesse mesmo sentido se apresentam os escritos de Amado, especialmente quando descreve as condições desumanas de trabalho e de vida dos alugados, apesar de todo progresso material da região. As precárias moradias, a alimentação baseada num número restrito de gêneros alimentícios. Persistia a problemática dos armazéns, onde os débitos dos trabalhadores jamais se encerravam diante da obrigatoriedade do consumo exclusivo nos armazéns das próprias fazendas na qual trabalhavam, além dos preços abusivos cobrados para toda a ordem de produtos, sobretudo alimentos e ferramentas. Desse modo, Amado denuncia que o sonho do trabalhador em enriquecer naquelas terras e conquistar a sua própria fazenda, se desfaz. A libertação só se dava pela morte ou pela fuga, conforme reflete o trabalhador Varapau, alugado do Coronel Frederico Pinto.

Mas, em virtude da plena expansão da lavoura cacauzeira em *São Jorge dos Ilhéus*, a terceira classe dos navios continua a chegar abarrotada de homens e mulheres, todos em busca de ocupação, sobretudo migrantes vindos do Norte e de outros estados do Nordeste. No cais do porto, permanece a feira de mão de obra dos chegantes que se dobravam como escravos e, após escolhidos, tomavam o trem em direção a Itapira, Itabuna, Pirangi e Água Preta.

A produção, também, permanece rudimentar, todavia é inserida na paisagem das fazendas uma novidade: a estufa de secagem das amêndoas para os períodos chuvosos ou para os momentos de grande colheita. Entretanto, seja na versão a lenha, seja na versão elétrica, a estufa era temida pelos trabalhadores, visto o imenso calor que emitia e o risco de acidente ao qual estavam expostos.

Educação e saúde pública inexistiam em *São Jorge dos Ilhéus* e em *Terras do Sem Fim*, todavia, neste último a educação estava voltada apenas para os filhos das famílias abastadas com a existência de colégios na cidade. Enquanto isso a saúde era assistida por médicos vinculados aos coronéis locais, e a febre tifo havia sido controlada e não mais assustava os trabalhadores das fazendas.

Jorge Amado nos apresenta a favela Ilha das Cobras, com suas ruas enlameadas e pouca iluminação pública. Era moradia de ladrões, desempregados, comerciários, fugitivos da polícia e especialmente local de encontro dos poucos comunistas que havia na cidade.

A imprensa local se amplia: enquanto Ilhéus permanece com dois jornais – *Diário de Ilhéus* e o *Jornal da Tarde*, Itabuna passa a ter dois semanários – *O Século* e *O Dia*. Os periódicos continuam envolvidos com as questões políticas partidárias, mas agora o leque de assuntos se amplia para abordar assuntos como: sociedade, cultura, questões trabalhistas, economia internacional, enfim apresentam uma diversidade de matérias que nos permitem inferir que havia uma maior liberdade da imprensa que em *São Jorge dos Ilhéus*. Mas o papel fundamental dos jornais ainda era acompanhar a própria dinâmica socioeconômica da região nas primeiras décadas do século XX.

Entra em cena A Companhia Exportadora de Cacau de Ilhéus, que ocupava na cidade todo um quarteirão. O cacau era o seu principal negócio, compreendendo a maior firma exportadora do país, porém não era o único negócio da Companhia. Karbanks, americano, seu Diretor-Presidente, representava no Brasil outros negócios: a companhia americana de aviação, a companhia sueca de navegação, a companhia americana de seguros marítimos, outra de máquinas de escrever. Jorge Amado nos conta que foi Karbanks quem conseguiu contrato para que atracassem navios cargueiros em Ilhéus e dali partiam direto para os Estados Unidos, Alemanha e o Norte da Europa. Assim, conjuntamente com os demais exportadores, pressionaram o governo federal para a realização de melhorias na barra e no porto, a fim de que comportassem navios de grande porte. Tais exportadores preferiam transferir as amêndoas das fazendas para os depósitos em Ilhéus, em caminhões, através das estradas de rodagem, que representava tremenda concorrência para a estrada de ferro.

Amado nos alerta que Karbanks, Zude e os outros exportadores estavam em toda parte, ligados a uma infinidade de negócios, inclusive por trás da direção do Banco de Auxílio à Lavoura. Nesse momento, Jorge Amado chama atenção que se aproximava o momento da luta entre os coronéis desbravadores, plantadores de cacau, e os exportadores.

Partindo do pressuposto de que há muito tempo os exportadores poderiam ditar os preços para o mercado internacional, porém, encontravam-se na condição de intermediários, estando suscetíveis ao comportamento excêntrico dos coronéis, às intempéries da produção artesanal, à resistência dos fazendeiros à implantação de novas técnicas de produção, além da insatisfação e baixa qualificação da mão de obra. A ambição de Zude era mudar todo o cenário, a fim de eles mesmos, os exportadores, tornarem-se donos das terras.

Para os trabalhadores das fazendas, a alta dos preços não representaria melhoria alguma em sua condição de vida. Nem a riqueza crescente dos coronéis, nem o progresso da zona cacauera mudariam o rumo daqueles alugados.

Ora, se o fenômeno coronelista se estruturou como uma relação de compromisso diante do poder privado decadente e o poder público fortalecido, é natural, portanto, que a ação premeditada dos exportadores, enquanto representantes do capital financeiro internacional, fosse para além do controle de preços do cacau. Encontramos em *São Jorge dos Ilhéus* o fomento por parte dos exportadores de tudo que minava o fenômeno coronelista: de um lado, a alta dos preços e, em seguida, a sua baixa total, o que endividou e faliu uma série de fazendeiros; e, de outro, o patrocínio articulado, de ações que permitiam a urbanização e a diversificação econômica de Ilhéus, além do fortalecimento do debate político, com a inclusão de novos atores na arena de debates, como os integralistas e os comunistas por exemplo. Leal (1997) nos lembra, inclusive, que o aperfeiçoamento do sistema eleitoral, a partir de 1930, o confronto com banqueiros e pequenos industriais, além da ampliação das garantias às magistraturas, do ministério público e da ação policial, concorrem para a corrosão do poder do coronel e o enfraquecimento desse fenômeno.

Em *São Jorge dos Ilhéus*, Amado enfoca, em síntese, a transferência da apropriação das terras, como consequência do colapso da economia cacauera em virtude da perda das

fazendas de pequenos, médios e grandes fazendeiros, arruinados e vitimados pela ação coordenada dos exportadores junto às oscilações do preço no mercado. A terra troca de mãos. Os caxixes primitivos são trocados pelo jogo financeiro ligado à bolsa de valores, o comando dos exportadores sobre a economia completa-se com a posse das terras, garantindo seu poder e controle da produção.

Nessa última obra, é possível, pois, fechar um ciclo socioeconômico e iniciar um outro, sem, contudo, vislumbrar alternativas que possibilitem alterar minimamente a estrutura social, cultural, econômica e política da região sul baiana que garantisse aos trabalhadores, de algum modo, melhores condições de vida e trabalho.

#### **4. Considerações finais**

O esforço aqui concentrado, no mesmo sentido da investigação histórica elaborada por Foucault, segue a lógica da localidade, visto que o teórico analisa o poder em suas formas e instituições mais locais, compreendemos na narrativa amadiana a estruturação de poder no sul da Bahia a partir da economia cacaueteira em fins do século XIX. E para além da compreensão juridicizada de poder, nos evidencia Foucault que o poder transita pelos indivíduos que ele mesmo constituiu.

Através das três obras selecionadas portanto, percebemos que a mecânica do poder se alterou em certa medida do segundo para o terceiro romance, quando as terras e a produção deixam as mãos dos coronéis que desbravaram as terras do sem fim e passaram para os exportadores estrangeiros. Todavia, os mecanismos de poder pouco se alteram quando observamos a vida e o fazer dos trabalhadores no geral. Os controles reguladores nas obras selecionadas, em nada se alteram para a maior parte da população da região cacaueteira, pois ao cabo das narrativas, a atuação dos exportadores no cenário organizacional da cidade, passou a englobar de forma disciplinar, inclusive, os coronéis e os pequenos produtores de cacau.

Foucault nos indica que o poder disciplinar e o biopoder passam num momento da nossa história a coexistir num mesmo espaço e tempo, assim o poder disciplinar se faz perceber nos corpos dos indivíduos levando a sua individualização; já o biopoder aplica-se em suas vidas no sentido de massificação se dirigindo à toda uma população. Daí que os efeitos do biopoder são passíveis de compreensão em processos coletivos, como os que se institucionalizaram no sul da Bahia e mais especificamente na cidade de Ilhéus no início dos anos de 1900.

Assim, a cidade e sua população tal qual foram se organizando, se tornam problemas da esfera de poder, necessitando de mecanismos de disciplina e regulamentação a exemplo dos processos que conduziram a vida e as ações de trabalhadores das roças de cacau, comerciantes, políticos, coronéis, exportadores, igreja e demais grupos que coabitavam naquelas *Terras do sem fim*.

## 5. Referencias

- ARAÚJO, Jorge de Souza. **Dioniso & Cia. na moqueca de dendê: desejo, revolução e prazer na obra de Jorge Amado**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Salvador, BA: Academia de Letras da Bahia, 2003.
- BURKE, Peter (org.). **A escrita da História: Novas perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- CADERNOS de Literatura Brasileira – Jorge Amado. Instituto Moreira Sales, n. 3, mar. 1997.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. História e paradigmas rivais. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs). **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**, v. 4. 7. ed. São Paulo: Global, 2004.
- DA COSTA, Alessandra de Sá Mello; BARROS, Denise Franca; MARTINS, Paulo Emílio Matos. Perspectiva histórica em administração: novos objetos, novos problemas, novas abordagens. **Revista de Administração de Empresas**, n. 3, p. 288-299, 2010.
- ENCICLOPÉDIA EINAUDI, v. 8. Região. Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986.
- FAORO, Raimundo. **Os Donos do Poder: Formação do patronato político brasileiro**. 10 ed. V. 1. São Paulo: Globo; Publifolha, 2000a.
- \_\_\_\_\_. **Os Donos do Poder: Formação do patronato político brasileiro**. 10 ed. v. 2. São Paulo: Globo; Publifolha, 2000b.
- FISCHER, Tânia; DAVEL, Eduardo; VERGARA, Sylvia; GHADIRI, Philip D. Razão e sensibilidade no ensino de administração: a literatura como recurso estético. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 5, p. 935-56, 2007.
- GRUNER, Clóvis; DeNIPOTI, Cláudio (orgs.). **Nas tramas da ficção: história, literatura e leitura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.
- GUERREIRO DE FREITAS, Antônio; PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. **Caminhos ao encontro do mundo: a capitania, os frutos de ouro e a princesa do sul (Ilhéus, 1534-1940)**. Ilhéus: EDITUS, 2001.
- LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatthy (orgs.). Apresentação. In: **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.
- LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- \_\_\_\_\_; NORA, Pierre. **História: Novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto: o município e o regime representativo no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.
- MARTINS, Paulo Emílio Matos. Canudos: organização, poder e o processo de institucionalização de um modelo de governança comunitária. **Cadernos EBAPE**, v. 5, n. 4, dez/2007.
- \_\_\_\_\_; MOURA, Leandro Souza; IMASATO, Takeyoshi. Coronelismo: um referente anacrônico no espaço organizacional brasileiro contemporâneo? **O&S**, Salvador, v.18 - n. 58, p. 389-402, jul./set., 2011.

NORA, Pierre. Memória coletiva. In: LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

PESAVANTO, Sandra Jatahy (org.). Apresentação. In: **Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura**. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2000.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/8614987/Caio-Prado-Junior-Historia-Economica-Do-Brasil>.

REIS, José Carlos. **Nouvelle Histoire e Tempo Histórico: A contribuição de Febvre, Bloch e Braudel**. 1. ed. São Paulo: Ática, 1994.

SILVA, Alberto da Costa e. **Essencial Jorge Amado**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

SHAFF, Adam. **História e Verdade**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SHARP, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da História: Novas perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

SOUSA, Antonio Pereira. **Tensões do tempo: a saga do cacau na ficção de Jorge Amado**. Ilhéus: Editus, 2001.

STAROBINSKI, Jean. A literatura: o texto e o seu intérprete. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novas abordagens**, v. 4, 1976.

VIZEU, Fabio. Em algum lugar do passado: contribuições da pesquisa histórica para os estudos organizacionais brasileiros. In: ENCONTRO DA ANPAD, 16, 2007, Rio de Janeiro, **Anais...** Rio de Janeiro, 2007.

---

<sup>i</sup> Livro organizado a partir do caderno de aulas do curso que ministrou entre janeiro e abril de 1978 no Collège de France.

<sup>ii</sup> Araújo (2003) nos indica que a produção de Jorge Amado se divide em pelo menos quatro ângulos e espaços geográficos. Desse modo, utilizar-se-á como base central para o ensaio, os romances que se encontram na primeira matriz citada por Araújo: as obras que se ambientam na região sul baiana, vinculadas sobremaneira ao ciclo do cacau. Estando tal temática contida nos seguintes livros: *Cacau* (1933), *Terras do sem fim* (1943), *São Jorge dos Ilhéus* (1944), *Gabriela, cravo e canela* (1958), *Tocaiá Grande: a face obscura* (1984) e *A descoberta da América pelos turcos* (1992), e como complemento, o livro de memórias *O menino grapiúna* (1982).

<sup>iii</sup> Forma como Jorge Amado é conhecido, inclusive esse é o título do seu livro de memórias. Pois, *Grapiúna* são os que nascem no município de Itabuna; e até 1910, compreendia um distrito de Ilhéus, chamada de Tabocas.

<sup>iv</sup> O conceito de região “pode ser aplicado a uma fração de um estado ou de uma nação, como a um grupamento de estados ou de nações, próximos pelas características econômicas, políticas ou culturais e, geralmente, pela situação geográfica” (ENCICLOPÉDIA EINAUDI, 1986). Em *Guerreiros de Freitas e Paraíso* (2001), encontramos que, até 1930, a denominada região cacauzeira era constituída por apenas quatro municípios: Ilhéus, Itabuna, Canavieiras e Belmonte.

<sup>v</sup> As narrativas literária e histórica pressupõem, portanto, a ordenação do real e a busca da coerência dos fatos, através da correlação dos aspectos analisados e das relações que daí irão emergir. A significância que é atribuída pelo leitor revela a validade da narrativa. Sobretudo na narrativa literária, o poder de designação da verdade dos relatos se dá pelos critérios de verossimilhança e credibilidade inferidos do texto. Afinal, a literatura constitui uma fonte de socialização das memórias, das narrativas e dos discursos, conforme destacam Leenhardt e Pesavento (1998). Em *Jorge Amado*, encontramos expostos, com a sensibilidade característica de um literato, a apreensão do real, dos jogos que refletem as forças sociais e de poder nas terras do cacau.

<sup>vi</sup> Termo que se refere à apropriação indevida das terras de terceiros, com o desrespeito à posse, e mesmo aqueles que possuíam terras titularizadas viam suas fazendas subtraídas pela ação dos advogados dos coronéis. As vítimas sofriam um golpe jurídico, com a produção de nova escritura da propriedade a favor de terceiros, sem nenhum tipo de pagamento ou ressarcimento, havia expulsão de suas próprias terras quase sempre com violência. Ver *Guerreiro de Freitas e Paraíso* (2001).

<sup>vii</sup> Emboscada violenta ao inimigo ou opositor. As tocaias eram motivadas por quaisquer situações, desde o tradicional antagonismo político, até questões conjugais.



---

<sup>viii</sup> Leal (1997), concebe o “coronelismo” como o resultado da superposição de variadas formas desenvolvidas pelo regime representativo junto à estrutura econômica e social “inadequada”; trata-se da adaptação do poder privado à sua obrigatória coexistência com um regime político de base representativa. Desse modo, o “coronelismo” se apresenta primeiramente como a troca de proveitos entre o poder público e a decadente influência social dos chefes locais (estrutura de base agrária). E entre as características secundárias, esse sistema apresenta, entre outros, o mandonismo, o filhotismo, o falseamento do voto, a desorganização dos serviços públicos locais.

<sup>ix</sup> Referiam-se à capital do Estado da Bahia, cidade do Salvador, simplesmente como “Bahia”.

<sup>x</sup> Os migrantes sonhavam em se tornarem, ao mesmo tempo, proprietários de terras e senhores dos seus destinos. A propaganda de todas essas possibilidades era promovida por notícias enxertadas nos jornais pelos Governos da época, a fim de reduzir as tensões sociais nas áreas de grande desemprego e pobreza. *Ver* Guerreiro de Freitas e Paraíso (2001).

<sup>xi</sup> “O maior estímulo era saber da existência de terras apropriáveis em abundância e da possibilidade de ter sua produção inserida na rede comercial exportadora internacional (...)” (Guerreiro de Freitas e Paraíso, 2001, p. 86), o encantamento pela possibilidade de ascensão social era gigantesco entre todos os migrantes.

<sup>xii</sup> Amado caracteriza os chamados barulhos como uma baderna ou vandalismo, uma disputa direta e desmedida entre os grupos – com a prática de incêndios, tiroteios, quebra-quebra e outros crimes que fossem demandados pelos autores.

<sup>xiii</sup> Guerreiro de Freitas e Paraíso (2001) nos mostram que a população de Ilhéus cresceu entre 1980 e 1920 com a taxa média superior à 6% aa. Entre 1920 e 40, a taxa média se mantém em 3% ao ano.